

Seção de entrevistas

**O CURRÍCULO E OS LIVROS DIDÁTICOS DE
HISTÓRIA EM ISRAEL: ENTREVISTA COM O
HISTORIADOR ARIE KIZEL**

*THE CURRICULUM AND HISTORY TEXTBOOKS IN ISRAEL:
AN INTERVIEW WITH HISTORIAN ARIE KIZEL*

*EL CURRÍCULO Y LOS LIBROS DE HISTORIA EN ISRAEL:
ENTREVISTA AL HISTORIADOR ARIE KIZEL*

Ramon Lamoso de Gusmão¹ ORCID: 0000-0001-5182-469X

Cláudia Chesini² ORCID: 0000-0002-2259-2743

1 Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, Distrito Federal, Brasil –
rgusmao07@hotmail.com

2 Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, Distrito Federal, Brasil –
claudia.chesini@gmail.com

Resumo:

Nesta entrevista, o professor israelense Arie Kizel, da Universidade de Haifa, examina criticamente a história do ensino e dos livros didáticos de História em Israel. Ele também discute o conceito de Filosofia do diálogo e a conexão com a Pedagogia de Paulo Freire. A entrevista foi gravada em maio de 2024, durante a participação do historiador em um congresso internacional sobre formação de professores, realizado na Universidade Católica de Brasília (UCB).

Palavras-chave: Livros didáticos de História; Ensino de História; Arie Kizel; Israel.

Abstract:

In this interview, Professor Arie Kizel from the University of Haifa in Israel critically examines the history of history education and textbooks in Israel. He also discusses the concept of dialogical philosophy and its connection to Paulo Freire's pedagogy. The interview was recorded in May 2024 during the historian's participation in an international conference on teacher education held at the Catholic University of Brasília (UCB).

Keywords: History Textbooks; History Education; Arie Kizel; Israel.

Resumen:

En esta entrevista, el profesor Arie Kizel, de la Universidad de Haifa en Israel, analiza críticamente la historia de la enseñanza y los libros de texto de Historia en Israel. También explica el concepto de Filosofía dialógica y su relación con la Pedagogía de Paulo Freire. La entrevista fue grabada en mayo de 2024 durante la participación del historiador en un congreso internacional sobre formación docente, realizado en la Universidad Católica de Brasília (UCB).

Palabras clave: Libros de texto de Historia; Enseñanza de la Historia; Arie Kizel; Israel.

Apresentação

Arie Kizel se formou em Ciência Política e começou a carreira profissional como jornalista e editor. Trabalhou no maior jornal impresso de Israel e produziu notícias para a rádio. Prosseguiu a carreira acadêmica com dois mestrados, um em Educação e outro em História, no qual analisou os livros didáticos de História em Israel. O doutorado foi concluído na área de Filosofia da Educação. Antes da docência no ensino superior, atuou como professor e gestor na educação básica. Hoje, é professor e pesquisador na Universidade de Haifa, em Israel. A produção acadêmica atual é diversificada, englobando desde livros didáticos, formação docente e Filosofia com e para crianças.

Nesta entrevista, ele aborda o currículo e os livros didáticos de História em Israel e a educação dialógica. Arie Kizel analisa criticamente o modelo eurocêntrico e sionista ainda presente nos manuais escolares israelenses. A entrevista foi gravada presencialmente, no dia 22 de maio de 2024, na Universidade Católica de Brasília (UCB). Kizel veio ao Brasil como convidado do *Congresso Internacional de Internacionalização e Formação de Professores*, no qual apresentou uma palestra a respeito da formação

docente em Israel. A entrevista foi respondida em Inglês, e posteriormente transcrita na íntegra e traduzida para o Português.

Um dos temas de pesquisa do senhor é o currículo de História. Em linhas gerais, como o ensino de História tem sido organizado nesses quase 80 anos de existência de Israel? Qual é síntese da História do ensino de História em Israel?

Antes de tudo, é uma longa história, mas vou resumir. No início do Estado de Israel, havia duas histórias: a história geral, e a história do povo judeu, a história judaica. E havia outra, relacionada à cidadania ou educação cívica. Algo ao longo dos anos, nós mudamos para uma história única, combinando [história] geral e judaica. E as avaliações também [são realizadas] de acordo com essa combinação. Então, hoje, os alunos estudam história e cidadania. Isso é sobre a estrutura. Então, você começa a estudar no quinto ano do ensino fundamental e termina ao final da escola. Agora, o currículo é composto por capítulos da história do mundo. Pode ser Revolução Francesa, a Revolução Americana, Feudalismo, Colonialismo. E segue de acordo com as séries. E paralelo a isso, a história judaica, desde o antigo Israel até os tempos modernos, e depois o Estado de Israel. Então, essa é a estrutura. Publiquei um livro sobre [como a] história geral [é ensinada] no livro didático. Está em hebraico. Mas a principal alegação é que os capítulos de história geral foram subordinados à história judaica. A história judaica, a narrativa sionista, era a principal, muito dominante. Então, eles colocaram cada capítulo de história [judaica] paralelo à história geral. Eu critiquei isso e ainda critico, mas minha crítica é geral. Eu acredito que a história geral é muito importante, assim como a história do povo judeu. No entanto, é necessário separá-las. E a história geral, essa foi e ainda é minha crítica, deveria também incluir história social, história das mulheres, história das ideias, história dos de baixo. E não apenas guerras, revolução, como sempre fizemos. Então, esta é realmente minha crítica. Quero mencionar isso porque Israel é um estado-nação, é o estado do povo judeu. Somos religiosos, mas também somos um povo. Quero dizer, o Hamas não entende, mas é isso que somos. O movimento sionista realmente levou o povo judeu do religioso para a nação. Quero dizer, somos uma nação. Também pertencemos à religião. Mas sou judeu por definição. Não sou religioso, mas sou judeu porque sou israelense e Israel é o estado-nação do povo judeu. Isso é muito diferente porque geralmente os cristãos podem ser portugueses, podem ser brasileiros, seja o que for. Mas as pessoas ao redor do mundo não entendem que somos na verdade um povo e uma religião. Por causa disso, a história se

torna uma ferramenta para educar para o que chamamos de história nacional. Quero dizer, estamos ensinando a história de nossa nação, o que é bom, do meu ponto de vista. Também acho que está tudo bem. E outro ponto que vocês precisam saber: vejo aqui livros sobre o cristianismo, porque é uma universidade católica. As crianças em Israel têm outra matéria, outro tema, que é a Bíblia. Ensina a Bíblia judaica como uma matéria separada desde o primeiro ano até o final dos estudos. Também temos árabes e cristãos. Eles estudarão suas escrituras, é claro. Então, temos história judaica. Temos história geral, que são combinadas. Temos educação cívica, [que ensina] mais sobre política e assim por diante. E temos a Bíblia. Então, temos muito. Outra questão é se você estiver em uma escola secular ou geral. Existem escolas religiosas e escolas gerais para judeus em hebraico. Então, você estudará a Bíblia de um ponto de vista religioso. Quero dizer, se estiver em uma escola religiosa, você também irá orar. Mas se estiver em uma escola geral, como eu estive e meus filhos estão, você estudará a Bíblia de um ponto de vista mais cultural. Você lerá a Bíblia, analisará, você mencionará Deus, e assim por diante, mas não precisa acreditar nisso.

Ao longo dessas décadas, quais foram as principais transformações no currículo e nos livros didáticos de História em Israel? Ela segue sendo uma História eurocêntrica, como o senhor coloca em vários dos seus artigos?

Esta é uma das minhas alegações, uma das minhas críticas. [A História presente nos livros didáticos de Israel] costumava ser eurocêntrica e ainda é, porque o lugar [de origem] do sionismo foi a Europa. Então, esta é a razão. Então, há judeus que emigraram da Europa, assim como de estados árabes. Ao longo dos anos, a Europa foi, na verdade, o ponto central. Quando as pessoas que vieram dos estados árabes [após a criação do Estado de Israel] criticaram essa tendência, demos mais espaço à história deles nos livros de história. Isso mudou. Não muito, mas mudou. Mas não estudamos sobre o Brasil, por exemplo. É uma pena. Não estudamos sobre a América do Sul, América Latina. É incrível que, na realidade, pode haver alguns capítulos, mas é tão... nós não estudamos nada. Apenas alguns capítulos sobre o Japão, Coreia, mas apenas a guerra entre as Coreias, porque é guerra. Então, isso é problemático. Você não pode aprender tudo, mas a tendência é para a Europa e, é claro, a história do povo judeu.

Como é definido hoje o currículo de História em Israel? Há uma legislação específica? E em relação aos livros didáticos, o Ministério da Educação mantém um programa de avaliação dos manuais escolares?

Sim. O Ministério da Educação não escreve os livros. Ele publica o currículo, pontos centrais, conhecimento pedagógico e assim por diante. Ele entrega isso para pessoas que querem sugerir livros [didáticos] e depois verifica. De modo geral, os livros em Israel têm melhorado muito nos últimos 20 anos. [Estão] mais pluralistas, [desenvolvem] mais habilidades de reflexão. Mas não tenho certeza se essa é a situação na sala de aula. Na verdade, tenho certeza de que não é!

Qual é a abordagem do currículo e dos livros didáticos de História especificamente sobre a história do conflito entre Israel e Palestina?

Melhorou muito. Nas primeiras décadas, a narrativa sionista, a narrativa judaica, nosso lado [a visão israelense] da história, era muito forte. A narrativa sionista era muito mais forte que a narrativa judaica. Nada era colocado sobre a narrativa palestina ou seu lado. À medida que historiadores críticos, na universidade, começaram a investigar a narrativa palestina, exigiram incluir também o outro lado. E, passo a passo – embora não seja fácil para judeus e palestinos se reconhecerem –

, estamos agora em uma grande luta. Você pode ler cada vez mais nos livros didáticos sobre o lado árabe da história. Não é que seja igual. Não é. Os livros representam a narrativa oficial de Israel: “nós somos bons, estamos certos!”. Como todo país faz. Mas há um espaço [para a história Palestina]. Quero dizer, não é ignorado. Quando eu era estudante – sou bastante velho –, mas quando eu era estudante você não podia ler uma palavra sobre isso. Os árabes eram apenas aqueles que lutavam contra nós. E hoje, meus filhos gêmeos, que têm 22 anos, me disseram, mas eu já sabia, que eles leram sobre as histórias árabes. Não é fácil para a maioria dos estudantes ouvir o outro lado. Especialmente hoje, porque estamos perdendo pessoas, a guerra é sangrenta e terrível. Mas eles sabem que existe outro lado. Você pode ler sobre o outro lado, não é que seja a questão principal, mas você pode ler sobre isso. Quero dizer algo sobre os livros palestinos. Há pesquisas sobre os livros deles. É a mesma imagem espelhada. E há uma pesquisa na Universidade Hebraica de Jerusalém de uma colega minha. Ela investigou os

livros deles e é a mesma coisa. Quero dizer, cada nação apresenta a história central de seu próprio povo.

O senhor também tem trabalhos publicados sobre uma linguagem, uma pedagogia e uma filosofia dialógica. Do que trata esse conceito aplicado ao mundo da educação?

Tenho publicado bastante nos últimos anos sobre o diálogo e o papel do diálogo na educação.

Você conhece Paulo Freire?

Sim, eu o conheço. Li muito sobre ele, nos últimos três anos, na verdade dois anos. Eu publiquei três livros em inglês. Um é *Philosophy with Children and Teacher Education*. E dois livros sobre Filosofia e diálogo com crianças. O livro mais importante, na minha opinião, será publicado em um mês [previsão do dia em que foi concedida a entrevista, em 22 de maio de 2024]. E trata sobre a capacitação de identidades em grupos de pesquisa com crianças. Uma coisa que acho que posso contribuir é que as crianças, na verdade, trazem suas identidades de forma mais marcante para a sala de aula ou para a comunidade acadêmica. E nós, adultos, não estamos dando espaço e importância suficientes para a maneira como as crianças percebem sua identidade, apenas porque são pequenas e assim por diante. É o tema do livro que estou publicando.

Uma última questão é sobre a sua relação com o Brasil. O senhor acompanha, tem interesse em algum tema, autores, ou aspecto específico da nossa produção científica em Educação ou outra área do conhecimento?

Acho que o Brasil e a América Latina são muito importantes para trazer muitas ideias sobre o que chamamos de pedagogia crítica radical. Claro, isso é Paulo Freire. E eu me vejo como pertencente ao campo da Pedagogia crítica e da Pedagogia radical. Quero dizer, critico muito as escolas e o medo que os adultos, na verdade, estamos inculcando em nossas crianças. E acho que Freire e outros são as grandes referências nessa área e nos deram uma linguagem. Mas o único apelo que faço para meus colegas e para mim mesmo é avançar um passo além. Quero dizer, Freire estava preso a uma visão marxista do mundo, e agora temos muitos problemas, não apenas dois poderes. Temos redes sociais,

O currículo e os livros didáticos de História em Israel: entrevista com o historiador Arie Kizel
Ramon Lamoso de Gusmão • Cláudia Chesini

fake news e muitos problemas que Freire não encontrou, porque não estavam presentes na época. Então, esse é o primeiro andar. E eu acho que eu e outros precisamos construir o segundo andar sobre isso.

Informações dos autores

Ramon Lamoso de Gusmão. Mestre em Educação, com bolsa Capes, e mestre em História pela Universidade Católica de Brasília.

Contribuição de autoria: autor.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4814451378045781>

Cláudia Chesini. Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília, com bolsa Capes.

Contribuição de autoria: autora.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1450828446245612>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

GUSMÃO, Ramon Lamoso de; CHESINI, Cláudia. O currículo e os livros didáticos de História em Israel: entrevista com o historiador Arie Kizel. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 7, n. 14, 2024, p. 184-190.